

A micropolítica deleuziana: Linhas de fuga, desejo e resistência nas sociedades de controle

Deleuzian micropolitics: lines of flight, desire, and resistance in control societies

BRUNO JOSÉ DO NASCIMENTO OLIVEIRA¹

Resumo: Este artigo explora a micropolítica no pensamento de Gilles Deleuze, distanciando-se das concepções tradicionais de filosofia política. A investigação central foca nas implicações políticas de conceitos-chave como o desejo enquanto produção, as máquinas desejantes, os agenciamentos, o corpo sem órgãos e as sociedades de controle. O texto analisa como o desejo, em Deleuze e Guattari, é concebido como uma força produtiva que opera incessantemente, subvertendo a visão psicanalítica da falta e criticando o edipianismo como uma formação ideológica que captura o desejo. Em seguida, aborda os agenciamentos como conexões heterogêneas que se opõem a noções de substância e sujeito, e o corpo sem órgãos como um plano de imanência para a liberação de intensidades. A transição das sociedades disciplinares para as sociedades de controle é discutida, revelando como o poder opera por modulações e monitoramento contínuo, demandando novas formas de resistência baseadas em linhas de fuga e devires-minoritários. A influência de Spinoza e Nietzsche é destacada na construção de uma filosofia da potência, enquanto a releitura de Marx por Deleuze e Guattari desvela a captura capitalista da produção desejante e a lógica da dívida infinita. Conclui-se que a política deleuziana é uma ontologia imanente, que se manifesta como uma ética-estética da criação de novas formas de vida, valorizando a multiplicidade e a experimentação contra as forças de homogeneização e controle.

Palavras-chave: Deleuze. Política. Micropolítica. Desejo. Sociedades de Controle.

Abstract: This article explores micropolitics in Gilles Deleuze's thought, moving away from traditional conceptions of political philosophy. The central investigation focuses on the political implications of key concepts such as desire as production, desiring-machines, assemblages, the body without organs, and societies of control. The text analyzes how desire, for Deleuze and Guattari, is conceived as a productive force operating incessantly, subverting the psychoanalytic view of lack and criticizing Oedipalization as an ideological formation that captures desire. It then addresses assemblages as heterogeneous connections opposing notions of substance and subject, and the body without organs as a plane of immanence for the liberation of intensities. The transition from disciplinary societies to societies of control is discussed, revealing how power operates through modulations and continuous monitoring, demanding new forms of resistance based on lines of flight and becoming-minoritarian. The influence of Spinoza and Nietzsche is highlighted in building a philosophy of power, while Deleuze and Guattari's reinterpretation of Marx unveils the capitalist capture of desiring production and the logic of infinite debt. It concludes that Deleuze's politics is an immanent ontology, manifesting as an aesthetic-ethics of the creation of new life forms, valuing multiplicity and experimentation against forces of homogenization and control.

¹ Professor Doutor em Filosofia (UFC), vinculado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e ao Departamento do Curso de Direito da Uninassau (Parnaíba-PI), e Discente do Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: brunophbo8@gmail.com ORCID: 0000-0002-5139-114X

Keywords: Deleuze. Politics. Micropolitics. Desire. Societies of Control.

Introdução

A filosofia de Gilles Deleuze, em sua vasta e complexa teia conceitual, oferece uma abordagem radicalmente distinta para o campo da política, divergindo das concepções tradicionais e representacionais que por séculos dominaram o pensamento ocidental. Longe de se limitar a uma teoria do Estado, das instituições ou do poder soberano, a política em Deleuze emerge como uma micropolítica dos desejos, dos fluxos e das singularidades, uma cartografia das forças que atuam no corpo social e individual. A problemática que se impõe ao iniciar uma investigação sobre a política deleuziana não é a de "como organizar o Estado", mas sim "como o desejo investe o campo social" e "como as formações de poder operam na microsociedade, moldando a própria subjetividade".

A relevância de perscrutar o pensamento político de Deleuze na contemporaneidade é inegável. Em um cenário marcado pela crescente complexidade das formas de controle, pela fluidez das identidades e pela constante reconfiguração dos territórios existenciais, as ferramentas conceituais deleuzianas fornecem um instrumental analítico potente para compreender e resistir às novas modalidades de poder. Não se trata de buscar um modelo a ser aplicado, mas de desenvolver uma "caixa de ferramentas" (FOUCAULT, 1977, p. 57) para desvelar as engrenagens da dominação e as possibilidades de criação e libertação.

Este artigo se propõe a explorar a concepção de política em Gilles Deleuze, articulando-a com os conceitos fundamentais de sua obra, como o desejo, as máquinas desejantes, o rizoma, o corpo sem órgãos e as sociedades de controle. Busca-se demonstrar como a política deleuziana se inscreve em uma imanência radical, recusando transcendências e binarismos, e como ela se apresenta como uma ética-estética da existência, da experimentação e da resistência. Para tanto, dialogaremos com autores como Félix Guattari, seu parceiro intelectual, bem como Michel Foucault e Baruch Spinoza, cujas obras ressoam e são reativadas pelo pensamento deleuziano na construção de uma perspectiva política inovadora. A intenção é traçar as linhas de força de uma filosofia política que não se contenta com a mera descrição do existente,

mas que incita à produção de novos possíveis, à abertura de "linhas de fuga" que desterritorializam os códigos e os agenciamentos dominantes.

O desejo como produção e a crítica ao Edipianismo

A política em Deleuze e Guattari, especialmente em *O Anti-Édipo* (1972), inicia-se com uma subversão radical da concepção tradicional de desejo. "Longe de ser uma falta a ser preenchida, o desejo é concebido como uma força produtiva, uma máquina desejante" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 11), que opera incessantemente, conectando fluxos e corpos. Essa visão rompe com as interpretações psicanalíticas que o reduzem a uma falta, a uma carência edipiana, a uma neurose familiar. "O inconsciente não é um teatro, mas uma fábrica" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 15), afirmam, deslocando a compreensão do desejo de um palco de representações para um campo de produção intensiva.

A crítica ao edipianismo é central nesse movimento. Para Deleuze e Guattari, o complexo de Édipo não é uma estrutura universal do inconsciente, mas uma "formação ideológica" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 61) que captura e reprime o desejo em estruturas familiares e sociais hierárquicas. O Édipo seria um "agenciamento artificial" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 63) que serve para territorializar o desejo, canalizando-o para vias de reprodução do sistema capitalista e de suas formas de poder. Ao invés de uma libido privatizada e familiar, eles propõem uma libido social, uma força de produção coletiva.

Essa concepção do desejo como produção tem implicações políticas profundas. Se o desejo é uma força produtiva, então a política não se restringe às esferas do Estado ou da representação, mas se manifesta em todos os agenciamentos sociais, desde a família até as instituições mais amplas. O poder, portanto, não é apenas repressivo, mas também produtivo, criando subjetividades e modos de existência que se alinham com os interesses dominantes. Foucault, em *Vigiar e Punir* (1975), corrobora essa ideia ao demonstrar como o poder não apenas proíbe, mas também "produz realidades, produz domínios de objetos e rituais de verdade" (FOUCAULT, 1975, p. 195). Para Deleuze e Guattari, a política é a gestão dos fluxos de desejo, sua codificação e descodificação, sua territorialização e desterritorialização.

A liberação do desejo, nesse sentido, não é uma mera permissividade, mas uma tarefa política radical: desedipianizar o inconsciente, desterritorializar os fluxos de desejo e abrir novas linhas de fuga. Isso implica em uma micropolítica que opera no nível das singularidades, das resistências cotidianas, das criações que escapam ao controle. Não se trata de uma revolução grandiosa e totalizante, mas de uma proliferação de pequenas revoluções moleculares, de "devires-revolucionários" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 289) que abalam as estruturas rígidas do poder.

Agenciamentos e o corpo sem órgãos: novas configurações da subjetividade e do social

No cerne da filosofia política de Deleuze e Guattari está o conceito de agenciamento, uma noção que se opõe às ideias de substância e de sujeito. Um agenciamento não é um conjunto de partes preexistentes que se unem, mas uma conexão heterogênea de elementos que se tornam funcionais a partir de suas relações. Ele é sempre múltiplo, processual e aberto a transformações. Os agenciamentos podem ser de diferentes tipos: maquínicos, coletivos de enunciação, territoriais: "Um agenciamento é sempre territorializado, mas é também desterritorializado, e se compõe de linhas de fuga" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 63).

Essa concepção de agenciamento permite pensar a política não como um domínio separado, mas como o modo pelo qual diferentes fluxos (desejantes, econômicos, sociais, técnicos) se conectam e se organizam. A política é, portanto, a arte de agenciar, de criar novas articulações e de desativar as existentes. O poder opera através da constituição de agenciamentos que capturam e estabilizam os fluxos, enquanto a resistência implica na capacidade de criar agenciamentos que desestabilizam e abrem para o desconhecido.

Intimamente ligado ao agenciamento está o Corpo Sem Órgãos (CsO). Embora seja um conceito complexo e multifacetado, o CsO pode ser compreendido politicamente como um campo de imanência onde os fluxos de desejo não são capturados nem organizados por órgãos ou estruturas. É um "corpo pleno sem imagens, sem representação" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 8), um plano de

A micropolítica deleuziana: Linhas de fuga, desejo e resistência nas sociedades de controle consistência onde as intensidades circulam livremente. O CsO não é um corpo biológico, mas um corpo intensivo, um potencial de conexões e devires.

A busca pelo CsO é um projeto micropolítico: desorganizar o corpo capturado pela organização edipiana e capitalista, desterritorializar os órgãos em suas funções predeterminadas e liberar as intensidades. É uma afirmação da multiplicidade e da singularidade contra as formas unitárias e identitárias impostas pelo poder. O CsO é, assim, um ponto de resistência e de criação, um espaço onde a vida pode se reinventar fora das normas e dos códigos estabelecidos.

As sociedades de controle e a micropolítica da resistência

Em seu texto seminal "Post-scriptum sobre as sociedades de controle" (1990), Deleuze analisa uma transição crucial das sociedades disciplinares (estudadas por Foucault) para as sociedades de controle. Enquanto as disciplinas operavam em espaços fechados (fábricas, prisões, escolas, hospitais), as sociedades de controle operam em espaços abertos e contínuos, através de modulações e monitoramento constante. "As sociedades disciplinares tinham dois polos: a assinatura, que designava o indivíduo, e o número de matrícula, que indicava sua posição numa massa. As sociedades de controle, ao contrário, atuam por cifras, senhas, códigos de barras, dados digitais" (DELEUZE, 1990, p. 217).

Nessas sociedades, "o controle não se dá pela reclusão, mas pela dívida e pela flexibilidade as modelagens" (DELEUZE, 1990, p. 218) substituem os "moldes" (FOUCAULT, 1975) disciplinares, implicando uma adaptabilidade e uma fluidez do sujeito que o tornam mais difícil de ser fixado, mas também mais suscetível à modulação constante: O sujeito se torna um indivíduo fragmentado em dados e senhas, rastreável e gerenciável em tempo real (DELEUZE, 1990, p. 218).

A micropolítica, nesse contexto, torna-se ainda mais urgente. A resistência não pode se dar apenas pela oposição frontal ao Estado ou às instituições, mas pela criação de "linhas de fuga" que escapam ao controle. Isso implica em: Devir-minoritário: Não se trata de ser minoria estatística, mas de criar um processo de desterritorialização que subverte as identidades e as normas majoritárias. Criar agenciamentos moleculares: Conexões e experimentações que não se deixam capturar pelos códigos

dominantes. Abertura ao acontecimento: Estar disponível para o imprevisível, para o surgimento de novas possibilidades que desorganizam o planejado pelo controle.

A crítica de Deleuze às sociedades de controle é um chamado à inventividade política, a uma ética da criação que não se resigna diante das novas formas de dominação. A política deleuziana é profundamente tributária de pensadores como Baruch Spinoza e Friedrich Nietzsche, de quem Deleuze extrai as ferramentas para construir uma filosofia da potência, em oposição a uma filosofia da falta ou da negação.

De Spinoza, Deleuze herda a ontologia da imanência. Não há um plano transcendente que organize o mundo; tudo é expressão da única substância, Deus ou Natureza. A política spinozista, para Deleuze, é uma ética das paixões, uma busca por aumentar a potência de agir do corpo e da mente, afastando as paixões tristes que diminuem essa potência (DELEUZE, 1981, p. 119). Em Spinoza e o problema da expressão (1968), Deleuze mostra como a liberdade não é um livre-arbítrio, mas a compreensão das causas que nos determinam e, a partir daí, a capacidade de agir com mais potência. A política spinozista é, portanto, uma política da alegria, da afirmação da vida e da proliferação de conexões.

Nietzsche, por sua vez, oferece a Deleuze o conceito de vontade de potência e a crítica à moralidade. Para Nietzsche, a vontade de potência não é um desejo de dominar, mas uma força criativa, uma capacidade de autossuperação e de invenção de novos valores (NIETZSCHE, 1886, p. 33). A política nietzschiana, nesse sentido, é uma transvaloração de todos os valores, uma ruptura com a moralidade reativa e a afirmação de uma ética da criação. Deleuze, em Nietzsche e a filosofia (1962), apropria-se dessa perspectiva para pensar a política como um campo de forças, de enfrentamento entre forças ativas e reativas, e como a possibilidade de afirmar uma vida afirmativa e criativa.

Ambos os autores, Spinoza e Nietzsche, fornecem a Deleuze o arcabouço para uma política que não se baseia na negação ou na repressão, mas na afirmação da vida e na potência de agir. A política deleuziana é, assim, uma ética-estética da existência, onde a criação de novas formas de vida é o ato político por excelência.

Marx, máquinas e capitalismo: A produção desejante e a crítica da dívida infinita

A relação de Deleuze e Guattari com Marx é complexa e não-ortodoxa. Em *O Anti-Édipo*, eles se propõem a fazer uma "investigação esquizoanalítica do Capitalismo", reinterpretando as categorias marxistas à luz do seu conceito de máquinas desejantes. A produção, para eles, não é apenas econômica, mas também desejante: o capitalismo não reprime o desejo, mas o utiliza e o molda para seus próprios fins.

O capitalismo, visto por Deleuze e Guattari, é uma "máquina social" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 256) que codifica e descodifica os fluxos, criando uma dívida infinita que aprisiona os sujeitos. "O capitalismo é a máquina que cria uma linha de fuga universal, mas que a reterritorializa a todo instante" (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 230). Isso significa que, ao mesmo tempo em que o capitalismo gera uma enorme capacidade de desterritorialização (movimento de capitais, mercadorias, pessoas), ele também cria mecanismos cada vez mais sofisticados de territorialização (controle financeiro, identitário).

A dívida infinita, a precarização do trabalho, a individualização forçada, a produção incessante de necessidades e o consumismo são mecanismos pelos quais o capitalismo captura o desejo e o direciona para a reprodução do próprio sistema. A revolução, nesse contexto, não é um evento único, mas um processo de desterritorialização contínua, de criação de novas conexões e de desativar os agenciamentos que nos aprisionam.

A crítica de Deleuze e Guattari ao capitalismo não é moral, mas ontológica. É uma crítica à sua capacidade de "capturar" a produção desejante e de transformá-la em uma força de servidão. A política, portanto, é a luta por liberar esses fluxos de desejo, por desreterritorializá-los e por criar formas de vida que escapem à lógica da dívida e do controle.

Do rizoma à resistência: Uma ontologia política

O conceito de rizoma, introduzido em *Mil Platôs* (1980), é talvez a imagem mais emblemática da política deleuziana. Ao contrário da árvore, que possui um centro,

raízes e hierarquias, o rizoma é uma estrutura não hierárquica, sem centro, com múltiplas entradas e saídas. Ele se conecta por qualquer ponto, pode ser rompido e reconstruído em qualquer lugar. "Um rizoma não começa nem termina, ele está sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 29).

Politicamente, o rizoma representa uma alternativa aos modelos de organização verticalizados e centralizados. Ele inspira formas de resistência descentralizadas, redes de solidariedade, movimentos sociais sem lideranças fixas. A política rizomática não busca um poder a ser tomado, mas um poder a ser multiplicado, disseminado e transformado. É uma política da experimentação, da criação de novos agenciamentos e da abertura a novas possibilidades.

A resistência, para Deleuze, não é meramente reativa, mas essencialmente criativa. Não se trata apenas de se opor ao que existe, mas de inventar o que ainda não existe. A resistência é a capacidade de produzir novas formas de vida, novos agenciamentos, novas subjetividades que escapam às normas e aos códigos dominantes. Ela se manifesta em "linhas de fuga", que são as linhas de desterritorialização que abrem para o desconhecido, para o "devir-outro" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 291).

A ontologia de Deleuze é intrinsecamente política. O ser é multiplicidade, fluxo, diferença, devir. A política é a afirmação dessa ontologia, a luta contra as forças que buscam fixar, unificar e homogeneizar. É a defesa da singularidade e da experimentação contra os poderes que tentam domesticar e controlar a vida.

Considerações finais: A política como criação de vida

A política em Gilles Deleuze se revela como um campo vasto e desafiador, que transcende as convenções da teoria política tradicional. Longe de fornecer modelos ou receitas para a organização social, sua filosofia oferece uma lente micropolítica para desvelar as complexas dinâmicas de poder e desejo que perpassam a vida em suas mais diversas escalas. A análise do desejo como produção, dos agenciamentos como redes de conexão, do corpo sem órgãos como plano de consistência e das sociedades de

A micropolítica deleuziana: Linhas de fuga, desejo e resistência nas sociedades de controle
controle como modulações sutis da existência, demonstra o caráter inovador e instigante de sua abordagem.

A crítica deleuziana ao edipianismo e ao Estado, aliada à sua inspiração em Spinoza e Nietzsche para uma filosofia da potência, e em Marx para uma análise dos fluxos capitalísticos, compõe um panorama teórico-político que enfatiza a imanência, a multiplicidade e a diferença. A política, para Deleuze, não é uma questão de representação ou de instituições fixas, mas um processo contínuo de criação, de desterritorialização e de abertura de linhas de fuga. O rizoma se torna a imagem por excelência dessa política, que opera por conexões múltiplas e não-hierárquicas, buscando a proliferação de singularidades e a invenção de novas formas de vida.

O legado de Deleuze para a filosofia política reside em sua capacidade de nos convidar a pensar a política para além dos binários tradicionais (opressor/oprimido, Estado/indivíduo), abrindo caminho para uma compreensão das micro-resistências, das pequenas experimentações e dos devires que, em sua potência, são capazes de abalar as estruturas mais consolidadas. Em um mundo cada vez mais atravessado por mecanismos de controle e modulação, a micropolítica deleuziana se mostra uma ferramenta essencial para a análise crítica e para a invenção de novas práticas de liberdade e de vida. A política, em sua essência, é a arte de criar, de fazer proliferar o que ainda não é, de afirmar a potência do ser em sua multiplicidade incessante.

Referências

- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés, 1962.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza e o problema da expressão*. Lisboa: Guimarães Editores, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1972.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1886.

